

FEIRA KRAHÔ DE SEMENTES TRADICIONAIS

cosmologia, história e ritual no contexto de um projeto de
segurança alimentar

Júlio César Borges

Doutor em Antropologia Social

Universidade de Brasília

Consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento



Pra não acabar a história e a festa, tem que estar sempre fazendo, porque vai passando para os outros mais novos aprender a realizar. Para não acabar a festa. Porque essa história, desde não sei quantos mil anos atrás, faz parte dos Krahô. Através dessa festa é que mostramos que somos Meẽĩ – temos outras cantigas, outra forma de nos organizar. Isso tudo é que chama Meẽĩ, Krahô. A festa movimenta as músicas, as danças, as crenças. Por isso é que Meẽĩ tem isso. Porque se não tiver isso, não é Meẽĩ. Isso que mostra nossa identidade. É tudo isso. É a festa que faz fortalecer, tanto nas músicas [cantos] quanto no esporte [corrida de toras]. Pratica esporte durante as festas: no peso, na velocidade, na voz. Tudo! Então Pahrpãm [“nosso pai”: Pyt: Sol] fez essas coisas pra nós. Tem nas histórias que as naturezas ensinaram e hoje não ensina mais. Mas não acabou. É isso que é importante saber. A festa é pra fortalecer, ficar mais forte, vivo. Pra sempre. De geração em geração. Porque sem a cultura, sem a língua, sem histórias, nós não somos mais índios Krahô. Sempre ouço: ‘Por que índio gosta de festa, de cantar?’ Aí digo sempre que é nossa crença. A música conta histórias da natureza. Quando tem festa, aí todo mundo vai estar falando dessa história. E os velhos contam para os mais novos durante aquele período em que vai estar sendo realizada a festa. Por isso é importante preservar, porque, digamos assim, essas coisas mostram a nossa cara.

O trecho acima reflete o esforço de um eminente professor krahô, Dodanin Piken, em ensinar a este antropólogo algo sobre um aspecto central da vida sociocultural do seu povo. Sua lição é simples e direta: as festas diferenciam os Meẽĩ! Elas lhes foram transmitidas pelas “naturezas” (animais, plantas, insetos) não se sabe há quantos mil anos atrás e desde então são praticadas para fortalecê-los, com as corridas de toras e os cantos. “A festa é pra fortalecer, ficar mais forte, vivo”, enfatiza, apontando alguns caminhos (pry)

que procurei trilhar, em minha tese de doutorado, rumo a uma interpretação da festa como elemento central da resistência étnica do povo indígena Krahô¹.

O argumento central da tese *Feira Krahô de Sementes Tradicionais: cosmologia, história e ritual no contexto de um projeto de segurança* é que as festas são o espaço-tempo responsável pela manutenção de aspectos centrais da sua visão de mundo, organização social e solidariedade política frente aos desafios impostos pela sociedade nacional². Ocorre aqui o que Coelho de Souza registra como constitutivo dos povos Jê: “[o] processo de diferenciação (recriação contínua da identidade humana) depende de uma constante incorporação de elementos que é preciso ir buscar no ‘exterior’ – um exterior que se vê sempre redefinido nesse processo de diferenciação” (2002: 230). No caso dos *Meukhĩ*, defendo que as festas são o espaço-tempo que abre a sociedade para o exterior e, na apropriação da alteridade, assegura sua continuidade frente aos múltiplos coletivos que povoam o *Pjê Cunã*, “Nossa Terra”.








Como fato social total (Mauss, 1974), a festa permite inúmeras entradas analíticas das quais adentrei pela cosmologia, história, relações interétnicas e sistema ritual com o intuito de demonstrar como a festa mantém vivos seu modo de vida e agencialidade frente ao cerco colonial. Procurei demonstrar que a apropriação (“furto”) e domínio do jogo de linguagem dos “projetos” é uma das principais estratégias atualmente utilizadas pelos *Meukhĩ* para (re)produção de suas festas.

Meu caso etnográfico foi a Festa dos Peixes e das Lontras (*Tep meukhĩ Têre*), realizada no contexto da VII Feira Krahô de Sementes Tradicionais (*Ampo Hy Per Xà 7º*), no ano de 2007, com patrocínio da Petrobrás Cultural. Realizada bienalmente desde 1997, a feira faz parte de um projeto de segurança alimentar encabeçado pela associação indígena Kapey, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e a Fundação

1 Os Krahô (*Meukhĩ*: “Nós, mesmo corpo/carne”) falam uma variante da língua Jê, tronco Macro-Jê e são classificados pela etnologia como Timbira Oriental, por se situarem na margem direita do rio Tocantins. Os Krahô têm uma população de cerca de dois mil e quinhentas pessoas espalhadas em vinte e oito aldeias numa reserva no nordeste do estado do Tocantins.

2 Defendida, no dia 28 de fevereiro de 2014, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (PPGAS/UnB). O trabalho de campo ocorreu entre os meses de março e dezembro de 2007, com novas imersões em março de 2008, outubro de 2010 e abril de 2012.

Nacional do Índio (FUNAI). Como nas edições anteriores, a feira buscou fomentar a conservação *on farm* da agrobiodiversidade indígena através da troca de sementes³. Minha etnografia sugere que o interesse dos Krahô pela troca de cultivares conviveu com a atenção dirigida à festa que eles apre(e)nderam, no tempo mítico, junto aos peixes no fundo de um rio.

Festa é *amj*  *kin*. Com este termo, os *Me*  *hĩ* recortam atividades sociais que se aproximam daquelas que os antropólogos denominam “ritual”. Sabemos que cada sociedade possui termos próprios com os quais nomeiam e recortam “performances e festividades que pode-se identificar como exemplos típicos ou focais de eventos 'rituais'” (Tambiah, 1985: 126). O *amj*  *kin* que presenciei na Feira de Sementes - como tantas outras entre os Krahô e alhures - tem um aspecto ritual “dado que é também cerimônia, solenidade, ação formalizada, comportando regras de comportamento e expressões performáticas precisas e, no mais das vezes, rigorosas” (Perez, 2012: 25; cf. Van Gennep, 1978). Por esse caminho, chegamos à ordem cultural *me*  *hĩ* subjacente à noção de festa: uma sequência de atos que giram em torno das corridas de toras, preparação e consumo de alimentos (em especial o paparuto, bolo cerimonial), troca de presentes, encenação de papéis rituais, danças e cantos das metades cerimoniais. E o *amj*  *kin* é mais do que disso. É também abertura aos encontros inesperados que (re)produzem vínculos anti-estruturais – aqueles de caráter existencial, diretos (Turner, 1974). A festa é o espaço-tempo da sociabilidade espontânea que gira em torno dos momentos fugidios levados pela cantoria do pátio, com maracá, e de outros espaços da aldeia. É fruição individual e coletiva da beleza e respiração do Cosmo. O *amj*  *kin* é o estado “alegre, feliz” do universo, que requer a atuação protagonista dos *Me*  *hĩ* através da festa. “Festa” e “alegria” são sinônimos (Melatti, 1978: 14).

A Feira de Sementes foi indigenizada para manter o movimento do mundo com a alegria e beleza da vida ritual, que coloca os Krahô em conexão com os heróis civilizadores, tal como aquele que conheceu a festa de *Tep mē*

3 A conservação *on farm* ocorre com os recursos genéticos em uso (nas roças ou campos cultivados) e decorre dos interesses dos próprios agricultores locais. Assim, “agrobiodiversidade” deve ser entendida como a variedade de plantas importantes para a alimentação e agricultura resultante da interação entre o ambiente, recursos genéticos e práticas culturais integrantes dos sistemas de manejo (FAO 1996: 5).

Têre junto aos peixes no fundo de um rio. A produção das festas, no contexto contemporâneo dos projetos, se presta à afirmação da humanidade dos *Meñhĩ* frente ao concerto de coletivos que anima o universo. Por isso, o *amjĩkin* produz (e diferencia) os *Meñhĩ*.

Bibliografia:

COELHO de SOUZA, Marcela. 2002. *O traço e o círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos*. Tese de doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ - Rio de Janeiro.

FAO. 1996. *Background Paper 1: Agricultural biodiversity*. Netherlands: Conference on the Multifunctional Character of Agriculture and Land.

MAUSS, Marcel. 1974. “Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: *Sociologia e Antropologia*. Vol. 2. São Paulo: EPU, EdUSP.

MELATTI, Julio Cezar. 1978. *Ritos de uma Tribo Timbira*. São Paulo: Ática.

PEREZ, Léa Freitas. 2012. “Festa para além da festa”. In: Perez, L. F; Amaral, L.; Mesquita, W (orgs.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond.

TAMBIAH, Stanley. 1985. “A performative approach of ritual”. In: *Culture, thought, and social action*. Havard: Havard University Press.

TURNER, Victor. 1974. *Dramas, fields and metaphors: symbolic action in human society*. Ithaca, London: Cornell University Press.

VAN GENNEP, Arnold. 1978. *Ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes.

JULIO CÉSAR BORGES

Júlio César Borges

Doutor em Antropologia Social

Universidade de Brasília

Consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Currículo Lattes